



CARTA TRIMESTRAL DOS INTERCESSORES

Nº 161 – Janeiro 2018

LEVANTA-TE!

Deus aguarda. Deus precede-nos. Está lá. Aguarda a nossa chegada. Convida a que nos ergamos! A Bíblia repete o convite 124 vezes. Por isso tenhamos sempre «a forte convicção de sermos atendidos» pelo Senhor, como nos diz o Padre Caffarel. Se tomarmos consciência da mensagem, levantar-nos-emos! Iremos até Ele. Corresponderemos à sua fiel expectativa, paciente e benevolente. Com a nossa miséria, a nossa pequenez, as nossas incapacidades para amar e orar, confiaremos Nele. E a nossa resposta, por insignificante que seja a nossos olhos, abrirá os nossos corações à acção do Espírito. Pois os frutos do Espírito são a alegria, o amor, a paz, a paciência, a bondade, a benevolência, a fidelidade, a doçura (Gálatas 5,22). Não é à força dos punhos que somos fiéis. Temos consciência das nossas imperfeições mas confiamos no auxílio do Espírito Santo.

A fidelidade é o grande fruto do Espírito. É um dom. É antes de mais um sentimento interior, uma disposição do coração confiando no auxílio do Senhor quando lhe apresentamos os nossos pedidos, as nossas esperanças, as nossas preces fervorosas em favor dos nossos irmãos.

Seremos fiéis se formos confiantes. Do mesmo termo grego «pistos» derivam as palavras Crer, Confiança, Fidelidade. A fidelidade a ser vivida segundo o Evangelho, a permanecer firme na fé, a viver os nossos compromissos (como, por exemplo, ser intercessor junto Dele) implica uma vontade constante e renovada (de acordo com os nossos estados de vida) para responder às expectativas, com seriedade e coragem.

E o Senhor virá em auxílio da nossa fraqueza.

O coração leal, fiel, põe a sua confiança nas promessas do Senhor.
«*E Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo*» (Mateus 28,20).

Aude e Olivier de la Motte

BILHETE ESPIRITUAL

Lembro-me de um velho padre dominicano, homem encantador, grande biblista, que tinha à sua responsabilidade grandes trabalhos. Muitas vezes era incomodado com problemas de saúde que lhe vinham complicar a vida. Um dia manifestei-lhe a minha admiração pela sua paciência. Ele respondeu-me: «Oh! É preciso uma excelente saúde para estar doente toda a vida!»

Belo sentido de humor mas também de um saudável realismo. Se transpusermos esta constatação para a nossa vida com Deus, compreenderemos tudo imediatamente. Se somos fiéis, muitas das complicações devidas à nossa pobreza, à nossas «más tendências» como dizem as orações, podem vir complicar-nos a vida ... A fidelidade permanece, sólida e forte.

A fidelidade é este impulso que vem do mais profundo de nós mesmos e que nasce do deslumbramento do amor. Um desejo que surge em resposta à atracção que vem de Deus. «*Ninguém pode vir ter comigo se o Pai, que me enviou, não o trouxer*» (João 6, 44). Foi assim com os apóstolos. Pedro estava longe de ser perfeito, foi até à renegação, mas o seu apego ao Senhor manteve-o fiel.

Parece-me que é assim também connosco. Se Deus é a fonte de amor, o amor conjugal é também a fonte da fidelidade, de uma fidelidade que pode suportar fases difíceis. A fidelidade é o apego ao outro. A fidelidade é o amor na sua duração, na sua força face à adversidade. A fidelidade, é o olhar misericordioso sobre si e sobre o outro.

Voltando ao meu velho e interessante padre dominicano, constato que os seus incómodos de saúde, não o impediram de realizar um grande trabalho. Ele adaptava-se à sua situação e encontrava um equilíbrio entre as suas forças e fraquezas. Nós também podemos olhar de vários modos e «desportivamente» os nossos limites e tendo-os em conta, superá-los e contorná-los. Podemos mesmo dizer que os nossos pecados, assumidos com arrependimento, podem ser ocasião de um grande salto de amor como fez Pedro depois da negação.

«*Deus dispôs tudo para o bem daqueles que O amam*», diz S. Paulo (Romanos 8,28), porque o pecado perdoado provoca um impulso suplementar de amor. A reconciliação entre nós é uma experiência quotidiana. Eis porque as nossas contrariedades espirituais não impedem a fecundidade da fidelidade.

A fidelidade merece recompensa! Jesus é claro no que respeita aos seus servidores fiéis a quem confiou talentos.

«Muito bem, és um empregado bom e fiel. Já que foste fiel nas coisas pequenas, eu te confiarei as grandes. Vem tomar parte na felicidade do teu senhor» (Mateus 25,21).

A recompensa não é só entrar na alegria de Deus, como se diz muitas vezes. Jesus diz ainda: *«eu te confiarei muito mais»*. A recompensa não é o repouso, onde mais nada há para fazer! Ao contrário, é a alegria de dar mais, de ver o nosso horizonte alargar-se para ajudar outros irmãos e irmãs. Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais se tem a terra como herança.

Grande fecundidade!

Paul-Dominique Marcovitz, o.p.
Conselheiro Espiritual dos Intercessores

A FIDELIDADE DE DEUS

A intervenção de Deus em favor da nossa perseverança porfiada, até ao encontro definitivo com Jesus, é a expressão da sua fidelidade. É como um diálogo entre a nossa fraqueza e a Sua fidelidade. Ele é forte na sua fidelidade. E Paulo dirá, numa outra passagem, que ele é forte na sua fraqueza. Porquê? Porque ele está em diálogo com esta fidelidade de Deus. E esta fidelidade de Deus nunca decepciona. Ele é fiel, antes de mais, a si próprio. Por consequência, levará até ao fim a obra que iniciou em cada um de nós pelo seu apelo. Isto dá-nos segurança e uma grande confiança. É uma confiança que assenta em Deus e que pede a nossa colaboração activa e corajosa, em face dos desafios do momento presente.

Homília do Papa Francisco aos estudantes – 30 de Novembro de 2013

VÓS SOIS ESPERADOS

«Somos tomados por uma sensação de depressão quando, chegados a uma terra desconhecida, (um porto, uma estação de comboio, um aeroporto) ninguém lá está para nos receber. Em contrapartida, se um rosto alegre nos acolhe, se há mãos que se estendem para nós

ficamos de imediato maravilhosamente reconfortados, libertados da cruel impressão de nos sentirmos perdidos. Que importa então deparar com outros costumes, outra língua ou uma cidade grande e desconcertante? Suportamos muito bem sermos um estrangeiro para quase toda a gente, desde que descubramos que somos um amigo de alguém.

Como é também agradável verificar que os nossos hóspedes estavam aguardando a nossa chegada. Pais e filhos não têm necessidade de dizer muita coisa, porque nós adivinhamos o resto. Bastam o acolhimento e a solicitude calorosa. E no nosso quarto, uma ou outra flor, aquele livro de arte (porque conhecem os nossos gostos) são plenamente convincentes.

Gostaria, meu caro amigo, que entrando em oração tivesses sempre a forte convicção de seres ouvido. Ouvido pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo. Ouvido na Família Trinitária, onde o teu lugar está preparado.

Recordemos, com efeito, do que Cristo disse: «*Vou preparar-vos um lugar*». Ireis talvez objectar que Ele falava do Céu. É verdade. Mas a oração, justamente, é o Céu, pelo menos naquilo que é a realidade essencial: a presença de Deus, o amor de Deus, o acolhimento de Deus ao seu filho. O Senhor espera-nos sempre. Ou melhor, mal demos alguns passos já ele veio ao nosso encontro. Recordemos a parábola:

«Quando ele ainda estava longe, o seu pai apercebeu-se dele, encheu-se de compaixão e correu, lançou-lhe os braços ao pescoço e abraçou-o longamente». Como vos lembrais, este filho tinha ofendido gravemente o seu pai. Contudo isso não impediu que o filho fosse recebido com impaciência».

Henri Caffarel

Extractos dos “Cadernos de Oração”

FOI ELE QUE VEIO ATÉ MIM ...

«A oração une dois polos: um é fraco, frágil e minúsculo: a minha alma; outro é imenso e todo-poderoso: Deus!

É isto que é grande e surpreendente: que Ele, imenso, queira falar comigo, tão pequeno; Ele, o Criador, comigo, criatura.

Não sou eu a querer a oração. É Ele que a quer por mim. Não fui eu que o procurei, foi Ele que veio até mim. E em vão o procurarei se Ele não tiver vindo a mim, primeiro.

A esperança em que repousa a minha oração está dependente do que Deus deseja para a minha oração. E se me tornar intercessor junto Dele é porque Ele já lá se encontra para me receber. Se Ele tivesse permanecido no seu silêncio e no seu isolamento, não conseguiria romper o meu isolamento. Ninguém fala durante muito tempo com um muro, uma árvore ou uma estrela. Quem o experimenta rapidamente desiste porque tem necessidade de receber uma resposta.

Com Deus, falarei toda a minha vida e só agora comecei.

É necessário dizer ainda uma coisa sobre a oração: ela vem do céu e não da terra.

O grito que inflama o meu peito faz-me exclamar:” Deus, eu amo-te”, força que leva Faragghi, muçulmano cego que caminha a meu lado a repetir: ”Como Deus é grande!” o “miserável” de David, o “Magnificat” de Maria, as lágrimas que caem dos olhos dos que se confessam: “Deus, perdoa-me”; o súbito êxtase do cientista diante das maravilhas do universo, tudo isto são obras do Santo Espírito.

É o Espírito do Senhor que enche o mundo e o faz gritar “Pai”, é Ele que nos dá o influxo para a oração

Carlo Carreto – Cartas do deserto
Ed. médias paul 1983 – pág. 55, 56

Vem comigo para o deserto. Existe uma vida maior do que a tua actividade: a oração. Existe uma força mais eficaz do que a tua palavra: o amor”

O QUE É ESSENCIAL NA ORAÇÃO

“Fiel há 6 meses à oração quotidiana, escreveram-me, não estou seguro de ter tido mais do que quatro ou cinco boas orações”. Que querem dizer com isto? Que todas as vossas orações, para além destas quatro ou cinco, não tiveram acolhimento pelo Senhor? Não percebem nada disto. Que as orações não vos satisfazem? Quero acreditar nisso. Mas que as orações não foram boas? Peço-vos por favor para não se deixarem cair nesta armadilha, que todos os iniciados encontram, de julgar a vossa oração pelo fervor, o recolhimento, as boas ideias ou os resultados atingíveis. Nisso as orações são como os sacramentos: o seu valor e eficácia são sobrenaturais e, portanto, escapam às nossas medidas humanas. Se tivessem entendido o que é essencial na oração, não ficariam desencorajados pelo que chamais “assalto das distrações”.

A oração é um acto complexo. Todo o homem entra em jogo: o corpo e a alma, a inteligência, o coração, a liberdade. Mas é importante discernir o que é essencial, o que, se faltar, priva a oração de todo o seu valor. Será a parte do corpo? Evidentemente que não. Caso contrário, será necessário dizê-lo, que o paralítico sem capacidade de tomar uma atitude de oração, não poderia orar. O que seria absurdo. Serão as palavras? Mas é muito claro que as palavras, na oração como nas relações humanas, nunca poderão ser a parte essencial. Será a sensibilidade, o fervor? Mas então é muito decepcionante porque é suficiente tão pouca coisa para perturbar esta sensibilidade: uma preocupação, uma dor, uma alegria, uma paixão, uma dor de dentes.

Na verdade não é concebível que o valor da nossa oração possa estar dependente de acontecimentos menores, interiores ou exteriores.

Ou as reflexões? Certo, a meditação é importante: o conhecimento de Deus suscita o amor de Deus. Mas se a meditação fosse o essencial da oração, aquele que não fosse suficientemente inteligente estaria condenado a conseguir apenas orações mediócras e a perfeição estaria reservada aos inteligentes. Ou a atenção para Deus? Se assim fosse afundar-vos-íeis no desespero, vós que sois assaltados pelas “distracções”.

Porque muitas vezes não depende de nós a capacidade de as eliminar; a nossa atenção é, como a nossa sensibilidade, particularmente instável. É tão difícil mantermo-nos concentrados em Deus, como manter durante a marcha, a agulha da bússola fixada na direcção do norte.

Sendo assim, o que nos resta? Os sentimentos: um amor ardente, uma confiança viva, um reconhecimento comovido? É verdade que os nossos sentimentos, em comparação com a nossa sensibilidade e a nossa imaginação manifestam alguma estabilidade. Apesar disso é necessário reconhecer que fogem pelo menos em parte ao nosso controlo: não os controlamos, o fervor do coração não depende da nossa decisão.

Qual será, então, o essencial da oração? É a vontade própria. Mas não vejam aqui na vontade o mecanismo psicológico que nos faz tomar uma decisão, ou que nos obriga a executar o que nos desagrade. A vontade, em boa filosofia, é a aptidão do nosso ser profundo para, livremente, se orientar para um bem, para um homem, um ideal, digamos para se “encaixar”, para empregar uma palavra querida à nossa geração.

Quando o nosso ser profundo se orienta para Deus e se entrega a Ele, livre e deliberadamente, é nessa altura que há uma oração verdadeira, mesmo que a nossa sensibilidade se mantenha inerte, a nossa reflexão pobre, a nossa atenção esteja distraída. E a nossa

oração vale o que valem esta orientação e este dom natural. Apesar da nossa sensibilidade, atenção, os próprios sentimentos serem fugazes, inconstantes, a nossa força de vontade é infinitamente mais estável e permanente. (...). Querer orar é, oração. Idealmente, é verdade, a oração, brotando na nossa vontade profunda deveria mobilizar todo o nosso ser. Com efeito nenhum de nós deve ficar alheio à nossa oração – não mais do que ao nosso amor. Deus quer-nos por inteiro: “Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu ser.” Assim é necessário um esforço para banir os ruídos e as actividades parasitas, de se juntarem, de se recolherem por completo para se oferecerem por inteiro. Mas, repito, felizmente não é necessário chegar aí para que a oração seja de boa qualidade.

Henri CAFFAREL
Extractos dos “cadernos de Oração”

INTERCESSÃO GERAL

As Equipas de Nossa Senhora no mundo viram-se para Fátima no próximo Julho: que este impulso renove as vocações dos casais e dos padres para que dêem testemunho, cada vez mais generosamente, do amor que os habita. Que o Espírito Santo aumente a fé dos membros das equipas de Nossa Senhora. Que Maria, particularmente presente em Fátima, ampare a ERI (Equipa Responsável Internacional) e encha de graças todos aqueles que participam neste grande encontro internacional.

Acolhei, Senhor, as nossas intenções por todos os irmãos no mundo, e pelas Equipas de Nossa Senhora

PARTICIPAÇÃO NA VIDA DOS INTERCESSORES

Queridos amigos intercessores, enviem-nos os vossos testemunhos! Como tomaram a decisão de aderir aos intercessores? Qual é a vossa opção: oração, jejum ou oferta da vossa vida? Como vivem o vosso compromisso? Como é que vos tem ajudado pertencerem aos intercessores? As vossas respostas serão oportunidades para melhor nos conhecermos, de podermos evoluir na nossa carta, e de partilhar como cada um e cada uma vive na intercessão.

O nosso muito obrigado, antecipado!

Enviem os vossos testemunhos para: intercesseurs@wanadoo.fr (França) ou ens.intercessores@gmail.com (Portugal).

Queridos Amigos

Neste início de 2018, num mundo tão cheio de guerras, ódios, miséria moral e material, desgraças naturais (muitas vezes resultantes da acção humana) pedimos ao Senhor que na Sua Misericórdia nos proteja e abençoe e ampare este mundo tão mal tratado com este texto Poema da Paz da Madre Teresa de Calcutá

*“O dia mais belo: hoje
A coisa mais fácil: errar
O maior obstáculo: o medo
O maior erro: abandonar
A raiz de todos os males: o egoísmo
A distração mais bela: O trabalho
A pior derrota: o desânimo
Os melhores professores: as crianças
A primeira necessidade: comunicar-se
O que traz felicidade: ser útil aos demais
O pior defeito: o mau humor
A pessoa mais perigosa: a mentirosa
O pior sentimento: o rancor
O presente mais belo: o perdão,
O mais imprescindível: o lar
A rota mais rápida: o caminho certo
A sensação mais agradável: a paz interior
A maior protecção efectiva: o sorriso
O maior remédio: o optimismo
A maior satisfação: o dever cumprido
A força mais potente do mundo; a fé
As pessoas mais necessárias: os pais
A coisa mais bela de todas: O AMOR!”*

Que a sua interiorização nos ajude a renovar as nossas atitudes.
Desejamos a todos um Feliz Ano Novo

Abraço em Cristo

Rita e Joaquim